

Diário Etnográfico

Luciano Cavalcanti

18/09/2003

Uma experiência didática

- Caderno no qual o professor documenta todas as suas reações a tudo que ouvir, ler e sentir dos alunos e de si mesmo.
- Instrumento metodológico onde o professor não apenas descreve suas observações, mas registra comentários, análises e sínteses que podem traduzir a compreensão do que está acontecendo e por que acontece de determinada forma.
- Permite ao professor olhar de uma maneira científica seu trabalho pedagógico.
- Instrumento de formação profissional, método de pesquisa e metodologia de intervenção.

Aula de 05 de junho

No dia de hoje a aula começa às 15h10min. Neste horário poucos alunos estavam na sala. Esse atraso tem sempre ocorrido, pois os alunos estão vindo da aula de língua estrangeira. De qualquer modo, às 15h25 todos os alunos (19) já estavam em sala de aula. Conversamos sobre esta questão e acertamos que todos deverão estar na sala até no máximo cinco minutos após o início da aula. Disse a eles também que nossas aulas terminarão no prazo previsto: 15h 10, nas segundas-feiras e 16 horas, nas quartas-feiras.

Em seguida apresentei para os alunos o planejamento da aula do dia. Mostrei, então, o registro que fiz do relato que eles fizeram sobre a experiência deles nas aulas de pesquisa na 5ª série. Percebi que os alunos ficaram um pouco surpresos, pois parece que eles acharam que eu não iria retomar esse ponto na aula de hoje.

Expliquei a eles a importância desse tipo de registro e disse também que uma das características das aulas de pesquisa é o registro. Assim nossas atividades terão sempre por base o registro, pois além de ajudar a promover uma cultura do registro, esta permite que nós retornemos ao que dissemos sem que se perca na memória ou no tempo as coisas que dissemos. Mostrei que havia algumas contradições no conjunto dos registros.

A propósito, o registro que fiz constou de pontos positivos, negativos e conteúdos trabalhados na 5ª série na disciplina pesquisa. Isto é, alguns aspectos que alguns alunos consideravam positivos outros tinham como negativo e vice-versa. Eu disse a eles que isso era natural e mostrava como é complexo o trabalho em grupo.

Falei também que o que dissemos ali não deveria passar daquela sala de aula. Nessa oportunidade discuti com os alunos sobre ética e tomei como exemplo o caso do jogador Rivaldo no último jogo do Brasil contra a Turquia. Foi interessante a transposição que eu consegui fazer. Parece que chegou aos alunos.

Em seguida discuti com eles sobre a avaliação. Logo uma aluna perguntou se haveria prova. Eu disse que haveria avaliação e como tal incluía provas e testes, conforme eles já conhecem, mas não apenas isso. Falei de trabalhos, relatórios individuais e em grupo, destacando que as aprendizagens se dão, também em grupo e isso significa um compromisso solidário de todos com a aprendizagens de todos.

Em seguida li um parecer de um aluno (não identificado) para mostrar como se processa e quais os critérios de avaliação da disciplina pesquisa. Observei que os alunos ficaram muito atentos às minhas considerações. Lembro que quando uma aluna perguntou se haveria prova, outro aluno (Diego?), falando baixinho, disse que seria avaliação! Fico pensando se isso não é um sintoma de que os alunos percebem a avaliação de forma mais ampla.

Finalmente lhes solicitei que apresentassem, por escrito, alguns temas que gostariam de investigar e o porque desses temas. Eu disse a eles que o objetivo era podermos negociar o planejamento da disciplina e não fazer temas só meus. Contudo deixei claro que, certamente, nem todos os temas seriam trabalhados, mas era importante que eles propusessem para que as aulas pudessem atender, na medida do possível, as expectativas deles. Percebi que isso mobilizou o grupo, superando um sentimento inicial de pouco envolvimento por parte de alguns alunos.

Encerramos a aula às 16 horas e mesmo assim alguns alunos ficaram mais ou menos quinze minutos concluindo suas proposições de temas. Para a próxima aula ficamos de ir ao laboratório de informática para entrar no site da ONG que tem um trabalho educativo escolar voltado para a pesquisa de opinião em séries do ensino fundamental.

Aula de 10 de junho

Conforme o planejamento da última aula, hoje estava previsto a ida dos alunos ao laboratório de informática

para eles acessarem o site do Instituto de Paulo Montenegro. No final da manhã tive a notícia que provedor da UFPE não estava funcionando. Sendo assim replanejei as ações da aula do dia e decidi que faríamos o levantamento dos temas de pesquisa de opinião propostos pelos alunos na última aula.

Contudo, quando cheguei à sala de aula e informei que não poderíamos ir ao laboratório de informática, alguns alunos logo disseram que ainda pela manhã já haviam acessado a internet. Isso para mim mostra a grande motivação que eles apresentam quando vão ao laboratório de informática.

De fato, verifiquei no laboratório que o provedor estava funcionando. Mesmo assim, resolvi manter para a primeira aula o levantamento dos temas de pesquisa. Assim, dividi os alunos em grupos com quatro a cinco componentes, distribuindo, para cada grupo, quatro a cinco folhas onde constavam as sugestões de temas que eles registraram por escrito na última aula. Alguns alunos apresentaram várias sugestões; eu também havia pedidos a eles que escrevessem o porque daquele tema. Houve alunos que sugeriram fazer oralmente a atividade. Mas fui muito incisivo em dizer que não. Disse que era necessário o levantamento dos assuntos, a eliminação de repetições que por ventura aparecessem e a inclusão da justificativa da escolha do tema. Para a justificativa do tema, eu disse que não era necessário escrever tudo o que o aluno escreveu, mas tão somente a idéia chave. Sei que isso poderia trazer algumas complicações, ou seja, os alunos poderiam não ser fiéis ao que o outro tinha colocado na justificativa.

Tomei essa decisão primeiro porque achava que não seria o momento de romper de imediato com resistência que eles apresentam em escrever, embora observo que eles cumprem esse tipo de tarefa quando tenho solicitado (pelo menos até agora nessas primeiras aulas); segundo porque achei importante perceber até onde os alunos conseguiriam garantir a idéia chave da justificativa. Assim fizemos. Não chegamos a discutir o resultado do trabalho. Deixamos para a aula seguinte.

Fomos, então, ao laboratório de informática. Antes, porém, combinamos o que faríamos lá. Escrevi no quadro o seguinte roteiro: 1. Procurar no site de busca "google" o "Instituto Paulo Montenegro"; 2. Anotar o endereço do Instituto na web; 3. O que é o IPM?; 4. Objetivos do IPM; Quem foi Paulo Montenegro?

Acertei com os alunos que às 15h05 todos deveriam desligar o computador. Informei também que cada dupla de aluno usaria um computador (penso que isso ajuda na interação entre eles). Fiquei impressionado como eles resolveram tranqüilamente as duplas, talvez pelo interesse em usar o laboratório de informática.

O trabalho prosseguiu. Alguns alunos concluíram a atividade mais rapidamente que outros. Solicitei a estes e aos demais que procurassem verificar no que a proposta do IPM poderia ajudar nosso trabalho na disciplina pesquisa. A não ser por uma dupla de alunas que acessaram um site não autorizado por mim -que logo ficou resolvido, o trabalho correu tranqüilamente. No fim da aula os alunos pediram para acessar seus e-mails pessoais. Como já haviam concluído o trabalho permiti que o fizessem.

Uma coisa me chama atenção: percebo que quando damos a orientação com segurança e convicção aos alunos eles cumprem as tarefas sem maiores resistências. E também, eles "ouvem" quando chamo a atenção deles para que revejam algumas atitudes, como foi o caso da dupla de alunas que acessaram um site que não havíamos combinado acessar. Encerramos a aula às 15h10.

Aula de 12 de junho

Iniciamos a aula retomando os temas de pesquisa que os alunos haviam sugerido e registrado por escrito. Apresentei as sugestões a partir da compilação que fiz dos temas e dos porquês desses temas. Novamente insisti junto aos alunos sobre a importância do registro escrito e de não realizarmos uma pesquisa de opinião sem um estudo mais profundo do que seja uma pesquisa de opinião, que envolve a formulação de questionários, tratamento de dados etc. Embora eu tenha notado que duas ou três alunas tenham achado repetitiva minha fala, insisti da mesma forma e parece que minhas argumentações foram bem aceitas pelo grupo. Parti então para a apresentação dos temas. À medida que eu ia anunciando, algumas críticas poucos convincentes de alguns alunos surgiam. Notei que eles ficaram meios surpresos quando eu anunciava alguns temas que me davam a impressão que eles não esperavam que eu falasse tão clara e naturalmente. Por exemplo, virgindade. Disse que seria importante pesquisar sobre esse tema porque, segundo o registro, era importante para quando fôssemos perder a nossa. Embora alguns alunos tenham levado isso pouco a sério, acredito que o(a) aluno que escreveu, escreveu com sinceridade.

Observei também que à medida em que eu anunciava as sugestões de temas, alguns alunos tentavam identificar o colega e mais que isso, alguns alunos se apresentavam como autores da sugestão de tema. Logo chamei a atenção do grupo para a necessidade de ouvirmos com atenção e respeito as sugestões de temas e, sobretudo, que o grupo não insistisse em identificar os possíveis autores, pois isso também envolvia uma questão ética em relação ao trabalho de cada um e do grupo.

Na discussão de alguns temas, alguns alunos logo manifestavam sua opinião quanto a relevância do mesmo, como por exemplo, quando surgiu o tema religião. Houve controvérsias em relação a importância da sugestão.

Uma aluna disse que religião na escola não é catequese. Surgiu uma discussão muito interessante. Foi aí que eu lembrei o que está previsto na LDBEN sobre o ensino religioso na escola. Informei que a LDBEN diz que o ensino religioso é obrigatório para a escola, mas de matrícula facultativa para o aluno. Os alunos pareciam não estar informados disso.

Houve também muita discussão em relação a outros temas. Quanto à drogas e homossexualismo, alguns alunos achavam que esses temas já estavam muito "batidos", talvez porque esses temas já vêm sendo discutidos junto ao SOE já há algum tempo. Isso foi dito, por alguns alunos. Não conseguimos discutir todos os porquês dos temas sugeridos, pois alguns temas foram objeto de polêmica no grupo.

Encerramos a aula às 16hs lembrando a necessidade de cada aluno ter seu caderno da disciplina. Disse também que o caderno seria visto por mim com uma certa regularidade. Insisti nisso, pois parece que os alunos não têm seus cadernos das disciplinas da parte diversificada, em geral. Fim da aula.

Aula de 17 de junho

A aula de hoje à tarde foi após o jogo do Brasil, com vitória brasileira por 2 x 0, que se realizou pela manhã. Confesso que eu tinha dúvidas com relação à frequência dos alunos. Vieram 15 dos 20 alunos da turma. Iniciei a aula lembrando que nossas aulas, sempre que possível, se realizarão, de forma alternada, na própria sala da 8ª B e no laboratório de informática (LI). Falei para os alunos que hoje iríamos ao LI para acessarmos o site do IBGE. O objetivo era eles conhecerem o que faz o IBGE e o significado dos censos, especialmente os resultados do censo 2000.

Notei que os alunos nunca haviam acessado o IBGE, muito menos o link "IBGE Teen" que é um site dedicado especialmente a alunos do ensino fundamental, de 13 a 15 anos, se não me falha a memória. Informei aos alunos que eles "entrariam" no link do IBGE teen com o objetivo de identificar quais os tipos de informação que estão disponíveis ali e que depois deveriam voltar à home page do IBGE para "vasculhar" as informações do censo 2000. Neste caso, eles deveriam destacar o(s) dado que mais lhe chamavam atenção ou que despertaram uma certa curiosidade.

Como venho solicitando aos alunos que façam os registros por escrito informei que eles deveriam fazê-lo no caderno da disciplina. Percebi que os alunos já fazem isso com uma certa naturalidade, mostrando, assim, que aos poucos eles estão construindo e entendendo a importância do registro, portanto, criando uma cultura do registro escrito. Na próxima aula os alunos apresentarão o resultado de suas pesquisas na internet sobre o IBGE. Estou desde já na expectativa, pois notei que os alunos, realmente, fizeram o trabalho com atenção. Alguns, inclusive, pelo que pude observar, buscaram várias informações, acessando vários links.

Encerramos a aula. Solicitei aos alunos que arrumassem o laboratório, colocando cadeiras nos devidos lugares e desligando os computadores. Ainda assim verifiquei que dois monitores estavam ligados. Desliguei-os.

Aula de 19 de junho

A partir de hoje, as aulas passam a ser ministradas, também, pela professora Cláudia. Cláudia está voltando das férias. Isso é muito bom, pois temos realizado um bom trabalho, juntos.

Percebo que Cláudia defende a ideia de termos uma sala de aula e tem gostado muito dessa experiência com as aulas de pesquisa no ensino fundamental. Cláudia já havia lido, pela manhã, os registros das aulas anteriores. Ainda pela manhã, conversamos sobre o planejamento da aula de hoje. Informei à Cláudia que estava previsto os alunos relatarem as informações obtidas no site do IBGE, tanto na home page, quanto no link IBGE teen. Discutimos um pouco sobre o que faríamos daí pra frente.

Falei pra ela que eu havia dito aos alunos que primeiro nós iríamos investigar mais sobre a questão da pesquisa no que se refere a obter informações sobre instituições que lidam com pesquisa, como se faz uma pesquisa, quais os critérios, em fim o que poderíamos chamar de fundamentos antes de realizar uma pesquisa de opinião propriamente dita.

Ficou previsto também de concluirmos a apresentação das sugestões de temas dos alunos. Na conversa sugeri à Cláudia que acessássemos o site do Instituto Paulo Montenegro. Fomos então até ao computador da coordenação geral (o do SOEP não tem acesso à internet). Foi muito bom porque fizemos o download do manual do professor do projeto "Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião". Vimos que é um trabalho absolutamente similar e condizente com o nosso na disciplina. Lemos as características gerais do projeto: apresentação, o papel da pesquisa na sala de aula etc. Ficamos de ler, detalhadamente, todo material (são duzentas páginas). Consideramos um material riquíssimo. Chamou-me também atenção porque através da pesquisa ele sugere o trabalho em diferentes áreas de conhecimento ou disciplinas.

A propósito tenho interesse de realizar um trabalho como este com alunos de uma ou mais de uma escola da redondeza. Certamente as mesmas escolas que estiveram aqui presentes quando da socialização das disciplinas da parte diversificada do currículo escolar, no dia 21 de abril.

Levanto a hipótese desses alunos construirão conhecimento em diferentes disciplinas ou áreas a partir da pesquisa de opinião, conforme está, inclusive, na proposta do IPM. Vejo também aí o que diz Pedro Demo sobre a pesquisa como princípio educativo, inclusive, para as séries iniciais.

Acredito que os alunos poderão, talvez, aprender/construir idéias e conceito de matemática, história, geografia etc que não conseguem aprender na escola, no currículo regular. Bom, esse foi um "parêntese" que abri neste diário.

Mas, voltando á aula em si, por sugestão de Cláudia ficamos de trabalhar com os alunos um texto de Carlos Antônio Gil, intitulado Como Classificar as pesquisas. Além disso, vimos também a possibilidade de trabalharmos com os alunos a apresentação do manual do IPM, mas achei o texto pesado para os alunos. Cláudia sugeriu trabalhar só uma parte do texto. Decidimos, então trabalhar só com o texto de Gil. Solicitamos a secretaria do Colégio que providenciasse as cópias. Mas, para nossa surpresa, minutos antes da aula, vimos que o texto não foi copiado. (...) Bem, desistimos então do texto e ficamos com as duas atividades: leitura dos registros sobre o IBGE e sugestões de temas.

Iniciamos a aula sem que alguns alunos estivessem presentes. Embora Cláudia tivesse chegado à sala antes de mim, e já ter conversado com alguns alunos, iniciei a aula apresentando Cláudia. Laura, acho que foi ela, que chegou depois, disse que o professor de francês insiste em largar a turma após as 15h10min. Achei bom ouvir isso, porque me pareceu que a fala de Laura mostrava a preocupação dos alunos com o contrato que fizemos de não chegar na sala após às 15h15min.

Pedimos para que os alunos lessem o que registraram do site do IBGE, conforme combinado. Perguntei se os alunos estavam com o caderno e notei que vários deles não estavam com o caderno. Chamei a atenção deles para a importância do caderno da disciplina. Higo pediu para relatar o registro que fez. Foi muito boa a participação dele. Fiquei até impressionado, pois Higo tem conversado muito com Paulo, mas vem fazendo suas tarefas. Notei que ele falou muito empolgado e foi acompanhado por Sílvia que complementou com suas observações/registros. José Carlos também apresentou seus registros.

Foi muito interessante, pois cada um que expôs seu registro apresentou dados novos. A turma acompanhou bem a discussão, embora quatro ou cinco alunos, uns mais outros menos, ficaram desatentos ao que se passa na aula, conversando e até brincando. Isto me fez, após a aula, conversar com Laura e Natália, pois elas foram as que mais ficaram desatentas, com conversas entre si, e até com outros colegas.

Fui incisivo com elas. A propósito, Laura ficou muito acanhada, pois seu irmão que veio apanhá-la no Colégio, ouviu nossa conversa, da porta. Foi uma conversa boa. Eu disse a elas que gostaria que isso ficasse resolvido logo entre nós. Falei que aquela atitude delas prejudicava a turma e a elas próprias. Insisti na idéia que a aprendizagem é coletiva e, portanto, a falta da contribuição delas no grupo prejudicava a todos, pois todos aprendem com todos. Achei-as bem receptivas à minha fala. Bem, percebo que não falei, praticamente, sobre Cláudia. Será por ser o primeiro dia dela com a turma? Acho que preciso conversar com Cláudia sobre isso.

Aula de 29 de julho

Iniciamos a aula falando do cronograma da pesquisa idade x peso x altura (IPA). Hoje pela manhã não se realizou a pesquisa na 1ª B e 5ª A. Quanto à 5ª A, a aluna Sílvia logo pela manhã me procurou para saber como deveria proceder para ir à sala da 5ª série A. Fiquei preocupado pois estava com muitas atividades aqui no SOEP. Procurei saber de Evanízia e logo fui informado que ela acabara de sair do Colégio. Telefonei do meu celular para Evanízia para ver se ela poderia ainda assumir essa atividade, pois o nosso trabalho está se realizando em conjunto com o setor de saúde.

Acho que faltou a mim, a Cláudia e a Evanízia, acertarmos quem vai a que turma para que isso não aconteça. Evanízia não pôde voltar e como Cláudia está na capacitação da Prefeitura de Recife tive que resolver essa questão, mas não foi possível realizar naquele dia a pesquisas nas na 1ªA e 5ª A. De qualquer modo confirmamos em sala de aula os grupos de alunos por série. Vejo que preciso, antes, falar com alguns professores.

Partimos então para a discussão do restante do texto "Como analisar de forma simples um grande número de dados". Antes, porém, fiz a chamada dos alunos e, em seguida, verifiquei quem fez as duas atividades que eu havia deixado para eles como tarefa. Notei que os alunos ficaram meios apreensivos, talvez por acharem que eu não iria fazer isto, certamente por acharem que eu não seria exigente com as aulas de pesquisa por ser da parte diversificada do currículo.

Anotei no diário os alunos que fizeram as atividades, não fizeram ou fizeram apenas uma delas. Mais uma vez percebo que Raquel e Juliana ficam propositadamente, me parece, alheias à aula. Juliana como sempre fica lendo texto que não é da disciplina pesquisa. Mesmo assim, faço algumas perguntas a elas sobre o texto que estamos debatendo. Noto que elas "se tocam" um pouco diante da minha argüição para com elas, mas logo

continuam, sobretudo Juliana, “sem dar a mínima” para a aula.

Discuto com os alunos o conceito de dispersão e solicito a eles alguns exemplos a partir do que está posto no texto para destacar “a soma zero”. Tento ver o exemplo a partir dos dados de peso e altura e qual a importância desse conceito para nossa pesquisa. Quase todos os alunos respondem à minha solicitação.

Falo sobre o padrão de beleza que está dominante em nossa sociedade a partir do que a mídia coloca. Raquel faz um pronunciamento sobre isso e eu aproveito para aprofundar nossa discussão. Falo então dos “modelos” presentes em nossa sociedade capitalista e chego a discutir até a questão do “voluntariado” tão debatido e proposto hoje. Chamo atenção para a importância desse conceito de modo a não cairmos na armadilha de um “voluntarismo ingênuo”. Dou como bom exemplo a experiência do Pró-criança e digo que quando realizamos uma pesquisa ela tem que nos mobilizar para revermos algumas atitudes em nós. Assim deverá ocorrer também com a nossa pesquisa IPA.

Encerrei a aula dez minutos mais cedo para ir com Igor e Paulo (que me haviam pedido para ensiná-lo a usar a balança), e Bruno ao Setor Médico para ensaiarmos o uso da balança. Firmamos que os alunos que não entregaram as atividades deveriam fazê-lo até a próxima aula, quarta-feira e que, se possível, como tem sido nossa prática na disciplina pesquisa, eu traria os pareceres para eles antes do conselho de classe. Espero que eu consiga fazer isto, pois seria para a próxima, quarta-feira, já que na próxima semana não haverá aula segunda e terça-feira por causa dos conselhos de classe.

Aula de 31 de julho

Iniciamos a aula fazendo um breve levantamento das turmas que faltam fazer a pesquisa $\text{Peso} \times \text{Idade} \times \text{Altura}$ (PIA). Em seguida retomei a verificação de quem ainda faltava entregar alguma atividade. Antes mesmo de perguntar quem faltava entregar, os próprios alunos tomaram a iniciativa de me procurar para entregar as atividades. Disse a eles que iria fazer a verificação à medida que a chamada fosse realizada. Percebo mais uma vez a preocupação dos alunos quando não estão com a atividade pronta. Percebo também que eles começam a se convencer que realmente eu vou ter esse nível de exigência e eles ficam preocupados com a consequência disso para a avaliação, pelo menos na concepção de avaliação deles. Fiz, então, as anotações no diário. Depois disso, fizemos uma avaliação das aulas que tivemos até o momento.

Algumas alunas (Mila, Natália) dizem que as aulas são monótonas. Logo outros alunos seguem esse mesmo posicionamento. Eu pergunto em que a aula é monótona e eles fazem referência ao texto que lemos na última aula. Eu digo que isso não é sistemático e que vez ou outra precisamos fazer isso. Eles dizem também que teoria cansa. Nesse momento Silvia pede a palavra e diz que as aulas não podem deixar de ter teoria e que às vezes a leitura em sala de aula é indispensável. Priscila, embora tenha concordado inicialmente que as aulas estão meio monótonas, reconhece que a leitura e a teoria são importantes. Note que começa haver um equilíbrio nas opiniões e alguns alunos começam a relativizar a monotonia das aulas. Juliana diz que, embora tenha havido aula no laboratório, estas aulas não são tão dinâmicas. Priscila fala que a turma também tem que entender que a teoria é importante e não pode deixar de ter e que a turma precisa ter mais responsabilidade. Insisto com o grupo sobre a importância desse momento, pois a avaliação deve ser compartilhada com os alunos e eles dizem que nenhum professor fez isso com a turma e acham importante esse meu procedimento.

Finalizo a aula dizendo aos alunos que certamente eles farão entre si a avaliação do nosso trabalho e que será apresentada no conselho de classe para ser discutida. Fim da aula

Aula de 07 de setembro

Nesta aula os alunos continuaram a tabulação dos dados. Inicialmente falei para eles que mesmo que alguns alunos previstos na nossa amostra não tivessem sido pesquisados, concluiríamos com os dados até então coletados. Nossa amostra final ficou em torno de 200 alunos.

Solicitei, em seguida, que eles fizessem uma avaliação de como eles estavam vendo o trabalho: se houve mudança na expectativa que eles tinham (uma parte dos alunos, como eu já havia colocado noutro momento/diário que se mostravam meios descrentes em relação ao trabalho) e engajamento deles no trabalho.

Na medida em que cada aluno se pronunciava uma boa parte quando falava em engajamento dizia que seria exagero “engajamento”. Não sei bem por que eles acharam exagero em falar em engajamento: será porque, de fato, não se sentiam efetivamente engajados ou o termo não tinha o significado claro, oportuno ou coerente para eles. De qualquer modo, insisti para que cada um fizesse sua avaliação.

Foi bom, pois percebi que, em geral os alunos, a meu ver, perceberam a importância de fazermos esse tipo de avaliação. Além disso, a fala dos alunos expressou compreensão mais próxima da que planejei em relação ao trabalho. A outra parte da aula ficou destinada para a tabulação dos dados, onde se incluía a frequência absoluta, frequência relativa, média e medida de dispersão.

Informei aos alunos que eu dispunha de um software, um pequeno programa, que verifica o peso ideal de uma pessoa bem como o índice de massa corporal. Como eu ainda não havia utilizado o programa, informei aos alunos que, se caso o programa realmente nos servisse, a próxima aula seria no laboratório.

Finalmente, solicitei aos alunos que retomassem a leitura do último texto de estatística que trabalhamos. Alguns alunos foram dispensados e outros ficaram concluindo o trabalho em dupla ou trio.

Aula de 11 de setembro

Essa aula foi ministrada por Cláudia. Deixei para ela o seguinte bilhete: *Cláudia, Acertei com os alunos da 8ª série, Pesquisa, que hoje eles entregariam a tabulação dos dados da pesquisa. Além disso, se possível, eu os levaria para o laboratório de matemática para conhecerem um software que possibilita construir gráfico da relação altura-peso. Creio que seria melhor realizar esta última atividade na próxima aula. Sugiro que você releia o texto "Como analisar de forma simples um grande número de dados" e discutir com eles que leituras/análises eles podem fazer da tabulação, inclusive propostas de novas pesquisas (não que eles irão fazer estas pesquisas!). Um grupo de alunos aceitou fazer a pesquisa simulada sobre eleições para Presidente e Governador. Para isso, precisamos conversar com o grêmio e com o SOE e com Edson Silva, professor de História. Estou com o celular ligado até às 13h 30. Um abraço, Luciano. 11.09.02, às 11h25min.*

Aula de 16 de setembro

Antes mesmo de iniciar a aula alguns alunos me perguntaram se a aula seria no laboratório de informática. De fato, eu havia dito na última aula que, possivelmente, nesta aula iríamos ao laboratório de informática.

Durante a manhã, solicitei ao estagiário do laboratório que instalasse o programa. Contudo, o laboratório já estava reservado para a professora de música e eu não sabia se o estagiário havia instalado o programa. Mesmo assim, como a professora de música ainda não havia chegado fui com os alunos ao laboratório informando a eles que, caso a professora chegasse nós sairíamos do laboratório. A professora chegou e assim fizemos.

Ainda assim, a professora liberou o laboratório na segunda aula.

Desse modo, realizamos a segunda aula no laboratório. Logo percebi que o programa havia sido instalado. Os alunos retomaram a tabulação que haviam feito da pesquisa IPA (Idade x Peso x Altura), só que agora indicando o IMC (Índice de Massa Corporal) de cada aluno e verificando se estavam no peso ideal. Os alunos se engajaram bem na atividade.

É impressionante o modo como eles lidam com o computador; chegaram mesmo a descobrir outras informações sobre peso ideal e peso real no menu do programa.

Aula de 30 de setembro

Hoje foi nossa primeira aula após o recesso. As aulas começaram ontem. Os alunos me pareceram muito bem, animados. Senti falta de Juliana e Raquel. Iniciei falando sobre o último conselho de classe. A propósito lembrei aos alunos que ontem realizamos o conselho de classe da 8ªB, pois, como se diz aqui, não houve quórum para realizar aquele conselho na data prevista.

Falei que no conselho de ontem não foi apresentada nenhuma questão ou comentário sobre nossa disciplina. Perguntei aos alunos se isso se deveu à falta de tempo deles em se reunir ou se realmente não havia algum questionamento que julgassem importante ou se haviam esquecido. Priscila disse que realmente não houve nenhuma questão em relação à disciplina.

Em seguida, retomei com os alunos a atividade que tínhamos iniciado nas duas últimas aulas antes do recesso: o questionário que eles elaboraram sobre o tema de pesquisa que gostariam de desenvolver. Sílvia lembrou que na última aula havia pouquíssimos alunos não foi possível a apresentação do pré-teste que os alunos ficaram de aplicar a três pessoas. Higo também lembrou que eles haviam elaborado uma justificativa da pesquisa e se eu iria receber as justificativas. Higo e Sílvia me parecem muito atentos, às aulas, engajados, ainda que Higo seja muito muito descontraindo durante as aulas.

Assim eu apresentei um roteiro do que eles deveriam fazer, apresentando por escrito: o tema da pesquisa; 2. Uma justificativa; 3. Cada membro do grupo deveria aplicar o questionário a três pessoas, conforme combinado anteriormente; 4. Fazer os ajustes que julgarem necessários ao questionário. E finalmente apresentar, oralmente, as considerações relativas à atividade realizada.

Informei aos alunos que essa atividade seria retomada na próxima quarta-feira, pois segunda-feira a aula será assumida pela professora Cláudia que passará um filme para eles, possivelmente, GATACA. Esse filme foi proposto pela professora Inah de Língua Portuguesa.

Os alunos, então, ficaram em grupo, retomando o questionário que já haviam elaborado. Encerramos aula.

Fico pensando agora, por que não conversei um pouco com os alunos sobre o recesso (a propósito, no início da aula alguns alunos, ainda que brincando, pediram/disseram que hoje a aula seria fazer um desenho expressando como foram as férias. Acho que eu também deveria ter conversado um pouco com eles sobre o resultado das eleições, inclusive sobre as tendências das pesquisas apresentadas pelos diferentes institutos de pesquisa. Faltou!

Aula de 04 de dezembro

A aula de hoje foi quase concomitante à aula que ministrei no curso de especialização em avaliação educacional em matemática. Por volta das 15h10 deixei os alunos com uma atividade de leitura e escrita e segui para a 8ª série. Hoje os alunos tinham como tarefa apresentar o resultado da pesquisa realizada via internet, no laboratório de matemática, na segunda-feira passada.

Ainda que já seja comum, fico contente quando os alunos, ou a maioria deles, assim que chego na sala vão dispondo as cadeiras em círculo. Percebo neles que essa atitude é uma expressão que tem significado para eles também; significado de um trabalho onde todos devem estar envolvidos, onde há um sentido de interação, de algo a ser realizado em comum.

Isso, é claro, não significa que não haja ainda muita conversa, “zoadeira” por parte de alguns alunos. Mas na aula de hoje, como já desde a anterior, vem me impressionando a postura de Natália. Digo isso porque Natália parece-me mais envolvida com as atividades em sala de aula, sobretudo depois da idéia do projeto de prevenção à dengue.

Fico pensando o que um professor pode fazer para “tocar” um aluno. Falo em tocar porque isso me transmite uma idéia mais próxima do significado de educação (educare). Acho que é isso que precisamos realizar como professor/educador. Bem, eu estou falando isso, mas não sei como será Natália daqui pra frente. É claro que vou continuar lutando para que isso se amplie e se aprofunde.

Lembro agora das conversas intensas e alheias à sala de aula que persistem entre Laura, Ítala, Isabela e Eloísa. Laura em geral se apresenta dispersa em relação ao que se passa em sala de aula. Não sei ainda lidar com esse jeito de Laura se apresentar. Observo que Laura tem uma necessidade de está conversando, brincando como uma criança.

Por outro lado, Laura parece envolvida com o projeto de prevenção à dengue através do teatro que ela e mais algumas alunas estão responsáveis. Talvez, por aí, eu possa compreender um pouco mais sobre Laura e, quem sabe, interagir melhor com ela e ela com o grupo, segundo os objetivos do nosso trabalho. Bem, iniciei a chamada dos alunos para ver se haviam realizado a atividade realizada na última aula.

Praticamente todos os alunos fizeram. Juliana, apesar de ter me mostrado na aula da segunda-feira o site na internet sobre o programa de combate à dengue, durante a aula de hoje disse que não tinha o trabalho em mãos, pois estava no computador do laboratório de informática. Juliana tem apresentado esse tipo de “resistência”, a pesar de me parecer muito envolvida quando da pesquisa na internet.

Raquel também não entregou a tarefa. Contudo, fiquei muito contente com a fala de alguns alunos como Higo, Bruno, Marconi, Priscila, inclusive Isabela que fez a atividade com Higo e, juntos, falaram sobre a atividade, dando as informações que conseguiram coletar sobre dengue, na internet.

Fiquei também muito contente com a participação de Bruno ao falar sobre as informações que coletou sobre dengue na internet: programa de prevenção, dengue no Brasil e no mundo. Marconi também apresentou seus resultados. Tudo isso me leva a crer que o projeto parece empolgar os alunos.

Lembro que Lucas não apresentou o trabalho. A propósito, Lucas não veio à última aula, apesar de, acho eu, tê-lo visto aqui no Colégio. Diante disso informei a Lucas que ele deveria fazer o trabalho e trazer na próxima aula.

Lembro também que Ítala já, durante a última aula, fez uma música como uma atividade de seu grupo de música-teatro.

Bem, para a próxima aula espero contar com a presença de Alfredo para falar sobre dengue ou a presença de Ana, mãe de uma aluna, que vai ministrar uma oficina de teatro para alunos interessados em fazer essa oficina.

Sim, um outro aspecto que me chamou atenção nesta aula foi a fala de Sara sobre a reunião de terça-feira pela manhã, com Leandro Rossa, da AEC do Brasil, sobre o Projeto Político-Pedagógico do CAP, quando tivemos a participação de professores, funcionários técnico-administrativos, alunos e pais.

Fiquei impressionado com o envolvimento dos alunos, expresso muito bem na fala de Sara. Sei que este aspecto não está diretamente, talvez, relacionado à aula, mas tem haver sim, e por isso acho importante trazer como mais um elemento de reflexão neste diário.

Aula de 11 de dezembro

Hoje tivemos aula com a presença de quase todos os alunos. Mila ainda não retornou às aulas após a virose que pegou. Laura também não veio hoje. Como já está sendo de praxe, assim que eu chego em sala, os alunos começam a dispor as bancas em círculo.

Percebo que eles já estão com outra postura em sala de aula, aguardando o início dos trabalhos. Ainda assim fico pensando se eu estou realizando um bom planejamento. Acho que preciso refletir mais sobre para o programa da disciplina.

Iniciamos aula falando do questionário que Higo, Sylvia e Paulo fizeram durante a última aula que se realizou no SOEP. Sylvia logo chamou atenção para a questão 6 que, segundo o pré-teste, confirmou o que se tinha previsto na última aula: algumas pessoas não se referiam a atividade realizada dentro de casa. Desse modo reformulamos um pouco a pergunta, acrescentado após a "se sim" em casa () fora de casa: rua, bairro etc () qual ().

Estou contente com o crescente envolvimento dos alunos. Fico acertado para a próxima aula a participação do professor Alfredo para conversar com os alunos sobre dengue e talvez, também, a participação de Ana, mãe de uma aluna do Colégio, que vai ministrar uma oficina de teatro para alunos voluntários.

Acertamos também que cada aluno aplicará dez questionários entre membros do Colégio, dos departamentos do Centro de educação e mais algumas pessoas de sua casa, rua e bairro. Espero que esses questionários desta pesquisa e de outra que já realizamos, possam ser apresentados, já tabulados e interpretados, na socialização das disciplinas da parte diversificada do currículo no dia 11 de março de 2003.

Aula de 16 de dezembro

A aula de hoje, conforme acertamos anteriormente, segundo o projeto de prevenção à dengue, foi ministrada pelo professor Alfredo Moura, que não é professor das 8ª séries. Alguns dias antes, conversei com Alfredo sobre o projeto que eu e os alunos estamos desenvolvendo sobre a prevenção à dengue.

Disse a Alfredo que algumas questões de ordem conceitual em Biologia eu tinha algumas limitações. Alfredo não hesitou em aceitar o convite para fazer o trabalho com os alunos. A propósito, vi Alfredo muito envolvido preparando um material para ser trabalhado com os alunos. O dia foi muito corrido, pois estávamos finalizando os trabalhos dos resultados da seleção da 5ª série.

Foi um sufoco, pois o programa deu um "tiute" e quase o resultado não saiu a tempo. Alfredo também ajudou muito. Digo isto por dois motivos. O primeiro porque sou da comissão de seleção da 5ª série 2002/2003. E o segundo porque, Alfredo, mais uma vez, foi muito solidário comigo, pois iniciou a aula mesmo sem a minha presença uma vez que eu estava almoçando às pressas e não pude chegar à sala a tempo.

Telefonei para o celular de Alfredo e ele prontamente disse que não teria problema e que ele já estava em sala de aula com alguns alunos (acho que Alfredo nem almoçou). Bem, iniciamos aula e apenas Bruno e Mila não estavam presentes. Ficamos sabendo que Mila está com hepatite. A aula foi muito interessante. Percebi que os alunos estavam muito atentos as considerações e informações que Alfredo apresentava. Percebi também que muitas informações novas foram postas para os alunos.

Sara ficou muito impressionada com relação ao que a dengue pode calçar em termos de seqüelas no organismo humano; Chegou até virar o rosto em alguma situações para não ver o que estava posto em algumas transparências. Os alunos perguntaram muito. Eu também fiquei informado de muitas coisas que não conhecia em relação à dengue, as características do vírus e sua virulência.

Quando Alfredo apresentou algumas questões para os alunos sobre vírus, os alunos não responderam. Segundo Alfredo, as questões que ele apresentou, oralmente, as respostas deveriam ser do domínio dos alunos uma vez que esses conhecimentos se referiam a temas previstos para a 6ª série.

Os alunos também apresentaram informações que haviam colhido pela internet e também questionaram Alfredo, confrontando essas informações com as de Alfredo, como, por exemplo, se a água limpa também favorecia ao aparecimento do mosquito, uma vez que eu mesmo havia dito a eles que segundo pesquisa realizada a água limpa não significa ausência de mosquito. Bem, essa foi uma questão que não está muito clara para mim, nem sei se também para os alunos.

Ao final da aula Alfredo ficou de me entregar um texto, que não havia ficado pronto na copiadora, sobre o que é

mito e o que é verdade sobre dengue.

Hoje, quando escrevi este diário, Alfredo já havia me entregado o texto que vou repassar aos alunos. Para a próxima aula termos, possivelmente, a presença de Ana, mãe de uma aluna do Colégio que irá nos ajudar na questão da arte no projeto.

Aula de 18 de dezembro

Na aula de hoje contamos com a participação de Ana Elisabeth, mãe de uma aluna do Colégio e que vai desenvolver uma oficina de artes para alunos que estejam interessados nessa atividade. A participação de Ana se dá semelhantemente à participação que o professor Alfredo teve na última aula. Ana veio dar a contribuição dela na área da arte. Como a arte pode contribuir no entendimento, explicação e possibilitar um engajamento em termos de intervenção social dos alunos em relação à prevenção à dengue. A participação de Ana foi excelente. Ela envolveu muito os alunos. Ela teve uma intervenção democrática, que poderíamos chamar construtivista. Ela pediu para que cada aluno propusesse alguns elementos para formular a história ou o enredo. Foi interessante como todos participaram. Juliana e Sara que me pareciam meios descrentes apresentaram propostas muito interessantes, inclusive, trabalhar numa perspectiva de comédia. A propósito, houve perspectivas diferentes, mas Ana articulou as propostas de modo que eles propuseram trabalhar as duas perspectivas em termos de enredo. Uma coisa que Ana falou e me chamou atenção foi que o roteiro não precisa necessariamente ser escrito. Ela foi anotando as sugestões dos alunos para depois montar o trabalho. Não lembro bem os termos técnicos que Ana usou para falar sobre como poderia ser feito. Achei formidável como os alunos foram aos poucos se envolvendo. Quando eu apresentei Ana ao grupo falei dos alunos que estavam responsáveis em trabalhar a questão da arte. Isabela logo falou que o grupo estava pequeno e achava que no processo todos deveriam se envolver. José Carlos lembrou que já havia falado comigo sobre a saída dele do grupo de teatro para outro, não lembro qual, talvez de informações sobre dengue. Isso gerou um bom debate sobre o trabalho e a participação de Ana ajudou ao grupo entender que a peça poderia ser pensada e montada por todos e que poderia ter diferentes trabalhos: com bonecos, através de sombra etc. Lembrei que algumas alunas já tinham produzido um texto em forma de música, no caso, Ítala. Ela cantou um trecho da música para o grupo. Falei que, a partir do que Ana e Isabela haviam dito, todos poderiam participar da montagem, ainda que nem todos participassem da peça. Parece que essa idéia foi bem recebida/assumida pelo grupo. Ficou claro também, conforme Ana falou, que todos poderiam ser uma espécie de curinga, o que significava que qualquer poderia desempenhar qualquer papel já que todos participariam de todos os momentos. Achei que Zé Carlos assumiu também a idéia e penso que ele construiu uma outra idéia sobre a sua participação. Ana foi anotando as sugestões e deixamos para a próxima aula a montagem inicial da peça, conforme sugestão de Ana. No final da aula agradei a Ana. Ela vai continuar esse trabalho conosco por mais algumas aulas. Neste final de aula, entreguei aos alunos o material que o professor Alfredo me deu para distribuir com eles (verdades e mentiras sobre dengue) e o questionário para ser aplicado pelos alunos em casa, na rua em que moram, aqui na universidade, enfim em vários locais, a várias pessoas. Sim, surpreendeu-me também a solicitação de Natália no final da aula para liberá-la, uma vez que ela não poderia ficar após as 16 horas, pois teria um compromisso imediatamente após aquele horário. Isso me transpareceu respeito ao grupo, a mim e a ela própria. Observo que Natália já há algumas aulas vem tendo outra atitude, atitude de mais engajamento nas aulas.

Aula de 6 de janeiro

A aula de hoje é a primeira do ano novo de 2003. Comentamos um pouco como foram as festas de final de ano. Em seguida comecei a falar para os alunos em relação à minha experiência sobre o diário etnográfico. Perguntei a eles quem já escreveu um diário. Logo Laura falou brevemente de alguns registros que fazia em seu diário. Falei para eles de minha dúvida em ler os meus escritos. Os alunos ficaram muito curiosos.

Eu disse a eles que essa minha experiência tinha um caráter de pesquisa e que me ajudava no processo de avaliação, pois conforme sabemos a avaliação deve ser contínua e para mim esses registros são muito importantes e me dão elementos para tratar da avaliação do ensino e da aprendizagem. Disse também que o registro é um elemento importante no trabalho do pesquisador. Fiz, então, a leitura de alguns trechos do meu diário etnográfico.

Comecei pelo primeiro dia de aula. Perguntei aos alunos do que eles se lembravam. Em alguns momentos em que eu me referia no diário a algum aluno\aluna eu perguntava se poderia continuara a leitura. Além disso, eu falei que a leitura só poderia acontecer se pautada numa relação de confiança entre nós.

Foi muito bom porque à medida que eu lia, estabelecia relações com a questão da avaliação, ou seja, de que modo o diário me fornecia elementos para melhor tratar da questão da avaliação. Um fato interessante que ocorreu no início da aula foi a pergunta de Higo: "professor não vamos fazer uma prova?"

Fiquei pensando sobre o que essa pergunta significa. Será que os trabalhos que realizamos os alunos também os enfrentaram como avaliação? Parece que eles gostariam de realizar algum trabalho que se sentissem desafiados. Será que a avaliação não deve ter esse componente? Ou será que isso traz um equívico? Enfim, fica uma questão para se refletir. Falamos mais um pouco sobre nossas aulas e os objetivos da disciplina. Mais uma vez tomei o registro do diário etnográfico quando eu falava que Higo e Paulo, embora conversavam um pouco

(conversas alheias ao debate em sala de aula), faziam as tarefas. E mais que isso, nas atividades realizadas, apresentavam elementos novos para o grupo.

Falei para o grupo que isso tinha haver com a avaliação, pois se referia a uma competência ou objetivo previsto na disciplina em relação aos alunos. Sara falou que no início não tinha clareza em relação às atividades que estava fazendo, pois parecia que estava fazendo só por fazer. Retomamos, mais uma vez, retomamos a discussão sobre o programa da disciplina. Falamos sobre a aula realizada com Ana Elizabeth, a partir da leitura que fiz do diário da aula daquele dia. Isso parece que ajudou aos alunos entenderem o diário etnográfico, bem como a Sara refletir um pouco mais sobre os objetivos da disciplina. No final da aula informei aos alunos que eu iria tirar férias e que as aulas de quarta-feira até a próxima semana estariam sobre a responsabilidade de Cláudia.

A propósito, fiz uma programação junto com os alunos e apresentei a Cláudia. Desse modo deixei tudo acertado em relação ao período que eu estarei afastado, pelo menos, espero, até o final desta semana, já que meu período de férias está firmada de 07 a 21.01.03, uma vez que não gozei as férias de 07 a 21.10.02 junto com os demais professores.

Aula de 22 de janeiro

Hoje estou retomando definitivamente às aulas de pesquisa, embora não tenha gozado minhas férias integralmente. Cláudia não veio a aula, pois está se recuperando de uma topada na última sexta-feira durante a reunião pedagógica do PPPI, assim não pude contar com ela para me substituir.

Logo no início da aula Igo e Sylvia perguntaram se hoje não seria aula de teatro. Sylvia disse que Ana Elizabeth ficou de vir toda quarta-feira. Achei interessante essa intervenção deles, pois mostra que o trabalho não sofreu solução de continuidade e que o contrato pedagógico está mantido.

Notei também que essa era a expectativa dos demais alunos (a propósito, hoje não vieram à aula Raquel, Juliana, Carolina e Heloísa) Antes mesmo que eu disse alguma coisa Ana acabava de chegar à sala. Tenho ficado muito bem impressionado com a atuação de Ana, seu engajamento, envolvimento e responsabilidade.

Ana tem atuado de forma voluntária. Passei imediatamente a palavra para Ana. Logo ela retomou o que já haviam feito e o que estava previsto para hoje. Estou aprendendo muito com essa experiência. Eu disse a Ana que o que nós estávamos fazendo era uma educação para as artes que, no meu entendimento, deveria fazer parte do currículo de qualquer escola, pois é uma formação indispensável para o aluno que tem um alcance muito grande na sua formação para a vida.

Ana apresentou os quatro aspectos ou cenas que os alunos já trabalharam e que a encenação de cada uma delas foi muito boa. Se não me engano, as cenas foram as seguintes: causas da dengue, prevenção, cura e "point do pneu".

Ana dividiu os alunos em dois grupos, cada grupo com duas cenas. Os alunos não apresentaram resistência. É interessante como o trabalho está fluindo, como os alunos já incluíram Ana no grupo, como professora (eles a chamam por professora).

Fico também impressionado como em apenas uma aula se consegue realizar tanto coisa. Os alunos (grupos) tomaram a iniciativa de ficar em salas diferentes. Alguns queriam mais tempo, mas Ana logo alertou para o fato de que aquele momento era um primeiro ensaio com o que o grupo fosse capaz de realizar. Os alunos toparam.

A apresentação se realizou e Ana fazia suas observações. Antes mesmo ela disse que caso alunos esquecessem algo, deveriam incluir isso no contexto para não "quebrar" a encenação. Fico pensando o alcance pedagógico que uma situação como essa propicia aos alunos em termo de formação. Acho ótimo!

A capacidade de improvisar, de se dar o direito de criar partir do "erro", isso tudo é muito interessante, e até ser tolerante consigo e com o próximo. Foi bom ver Bruno, Zé Carlos, Lucas e Paulo encenando. São alunos que em geral nas aulas têm uma postura mais recatada. Acho que esse tipo de trabalho os ajuda muito a usar mais a linguagem gestual e a oralidade, a propósito acho que a disciplina deve contribuir mesmo para isso, particularmente no que se refere à oralidade, competência argumentativa.

Lembro que antes da apresentação dos alunos Ana fez uma técnica de relaxamento com os alunos. Pegou um objeto leve e disse que cada um deveria dizer uma palavra e jogar o objeto para o outro (os alunos estavam em círculo) dando uma entonação gesto, enfim expressão, de acordo com os sentimentos que aquela palavra trazia.

Ana começou com a palavra "febre". Alguns alunos pareciam não levar muito a sério, mas só parecia. Laura ria alto meio que de forma forçada. Na minha opinião eu via esse tipo de reação como uma espécie de fuga.

Mas no geral vi que os alunos de alguma forma estavam envolvidos. Seguiu-se então a apresentação dos dois grupos. Os alunos participaram bem e alguns manifestavam a mesma reação quando da técnica de relaxamento. Após a apresentação Ana me chamou atenção para a hipótese que os alunos apresentavam em relação ao surgimento da dengue, pois isso vem marcando os alunos nas encenações que realizam e hoje nas apresentações isso novamente apareceu.

A hipótese a que eles se referem é que a dengue veio com o desmatamento e o mosquito que vivia nas matas e florestas, com o desmatamento vieram para as zonas urbanas. Eu disse a Ana que essa hipótese eles tiveram informação com o professor Alfredo Moura, de biologia, pois eles tiveram um momento de estudo com ele. Essa cena ficou posta pelos alunos ao incluírem uma cena que uma mãe vai colocar o filho para dormir e nina a criança contando essa história.

Ana acha importante garantir essa cena, já que marcou os alunos, mas que deve entrar como hipótese. Encerramos a aula e Ana disse que na próxima quarta-feira trará o roteiro. Acho que importante dizer uma coisa. Ana disse que vem registrando essa experiência e para ela que geralmente cria peça, tem sido uma experiência nova elaborar uma peça com os alunos, a partir dos elementos que eles vão colocando. Eu disse a ela que ali eu achava que ela estava fazendo um caminho diferente, ou seja, ao invés de criar a peça (ou fazer o roteiro), ela estava fazendo a peça a partir da criação dos alunos. Tendo esse entendimento Ana disse que iria trazer o roteiro da peça na próxima aula. Ana também falou que vai trabalhar com os alunos a construção dos cenários. Há, lembrei de outra coisa que Ana falou. Ela falou que um aluno, antes da apresentação, disse que era melhor falar para os alunos que iam assistir à apresentação o que ia acontecer. Isso ela comentou comigo dizendo que os alunos não percebiam ainda que o teatro é uma linguagem que necessariamente não precisa de voz. Uma última lembrança é que Ana falou de uma aluna que se mostrava dormindo durante a aula, mas quando chegava na encenação (aula anterior, quando eles trabalharam cada quadro separadamente) a aluna se envolveu de forma impressionante. Eu disse a Ana que os alunos estão mais engajados ainda nas aulas, sobretudo depois desse projeto de prevenção à dengue. Encerramos a aula.